

Apresentação

“Aprendizados intergeracionais e relacionais nos processos de formação audiovisual”

Euclides Santos Mendes¹
Andrea Vicente Toledo Abreu²
Guilherme Celestino Souza Santos³

O dossiê “Aprendizados intergeracionais e relacionais nos processos de formação audiovisual” tem o intuito de promover reflexões sobre processos, relações e trajetórias de aprendizados pelo e para o cinema, construídos entre pessoas que vivenciam a experiência cinematográfica como aprendizagem e formação. Além dos filmes com fins educacionais, levamos em consideração também as produções audiovisuais que não possuem diretamente esse escopo, mas que podem se tornar recursos nos processos de formação audiovisual.

O campo audiovisual vincula-se ao campo educacional a partir de sua natureza pedagógica, em que, segundo a abordagem de Rosália Duarte no livro *Cinema & Educação* (2002), “determinadas experiências culturais, associadas a uma certa maneira de ver os filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais”. Dessa interação multidisciplinar surge a “competência para ver”, conceito que relaciona os aprendizados intergeracionais e relacionais aos processos de formação audiovisual. Tais processos não se referem tão somente ao uso de recursos audiovisuais no contexto escolar, mas também ao consumo contemporâneo de filmes, seriados

¹ Doutor em Multimeios pela Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), faz pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Memória: Linguagem e Sociedade (PPGMLS), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: euskera21@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0684-279X>

² Doutora em Ciências Humanas - Educação pela PUC-Rio, com doutorado-sanduíche no Programa de Pós-Graduação Memória: Linguagem e Sociedade na UESB - Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. É Diretora da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG) - Unidade Acadêmica de Carangola. Desenvolve pesquisas na educação básica com ênfase na formação de professores e em iniciativas audiovisuais e de incentivo à leitura e à escrita com crianças. É bolsista do Programa de Bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG). E-mail: andrea.abreu@uemg.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6837-8873>

³ Guilherme Celestino Souza Santos é professor do Curso de Pedagogia da UEMG - Unidade Carangola, e de Filosofia no Ensino Médio pela SEEDUC-RJ, licenciado e mestre em Filosofia pela UFRJ, e especialista em Docência na Educação básica pelo PROPGPEC do CPII. E-mail: guilherme.santos@uemg.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3111-5623>.

e outras produções audiovisuais, intensificado internacionalmente com a ampliação da oferta de conteúdos audiovisuais via internet durante a pandemia mundial de Covid.

Este dossiê reúne artigos sobre aprendizados audiovisuais entre duas ou mais gerações, mediados pela interação com filmes e outros produtos audiovisuais. No intuito de valorizar a aprendizagem não formal proporcionada pelo contato com cinema e audiovisual, os textos deste dossiê são decorrentes de experiências desenvolvidas por meio de projetos de extensão em espaços escolares e acadêmicos, assim como aqueles resultantes de interações em cineclubes, salas de cinema e demais espaços não escolares, presenciais ou via internet.

No artigo “O cinema ensina à escola, a escola ensina ao cinema e todos aprendemos juntos”, Andrea Vicente Toledo Abreu estrutura um breve panorama histórico sobre as relações entre cinema e educação no Brasil, para então analisar ações educativas do Polo Audiovisual da Zona da Mata de Minas Gerais, sediado em Cataguases, cidade onde ocorreu, na década de 1920, um dos mais importantes ciclos regionais do cinema brasileiro, no qual destacou-se o trabalho pioneiro do cineasta Humberto Mauro (1897-1983). Para discutir e apresentar o encontro do polo com a escola, foram analisadas duas práticas de formação destinadas a crianças, jovens e professores: a Escola Animada e a Rede Cineclubes. Além dessas ações de formação audiovisual, o polo desenvolve também formações técnicas de pessoas para trabalhar na produção audiovisual, fomentando, assim, a economia criativa, o audiovisual e as tecnologias digitais como segmentos estruturantes das ações do polo em Cataguases.

O artigo “*Ma vie en rose* no Cine-Debate Carangola: a percepção dos estudantes no tocante a gênero, sexualidade e escola”, de Guilherme Celestino Souza Santos, Jairo Barduni Filho e Eliane Laurindo Batista, aborda como uma experiência cineclubista com graduandos em licenciatura da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), *campus* de Carangola, pode estimular a formação de professores mais conscientes das questões de gênero e sexualidade na escola. O filme *Ma vie en rose* (*Minha vida em cor-de-rosa*, 1997), dirigido por Alain Berliner, contribuiu para um debate sobre como lidar com a diversidade de gênero e a sexualidade no contexto escolar.

Carla Silva Machado analisa, no artigo “As juventudes e a relação com o audiovisual: relatos de uma pesquisa de campo”, como jovens de uma escola municipal de Juiz de Fora, em Minas Gerais, se relacionam com a padronização da linguagem do cinema em filmes de grandes bilheterias. Para isso, investiga a constituição do gosto influenciado por um padrão estético-

narrativo hegemônico no mercado de produção e exibição audiovisual, buscando compreender como esse padrão se relaciona com a formação audiovisual de jovens de classes populares.

O artigo “A ciência que a gente vê: a percepção do público sobre a genética nos seriados”, de Marina Hentschke-Lopes, Gerda Cristal Villalba Silva e Úrsula Matte discutem a influência, na formação do espectador, de produções audiovisuais seriadas que abordam temas científicos. Neste sentido, filmes, seriados e outras produções audiovisuais que tratam de questões envolvendo ciência podem estimular o interesse do público por temas científicos. Realizada em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, a pesquisa de campo que resultou neste artigo avalia como o público que assiste a esses seriados percebe o conteúdo científico subjacente à narrativa audiovisual.

No artigo “Dos povos sambaquis às sociedades do mangue: o antropoceno como colonialismo”, Flávio José de Moraes Junior discute o conceito de antropoceno (que caracteriza a atual era geológica, marcada pelo impacto do ser humano no planeta Terra), articulando suas implicações ecológicas e geopolíticas com um estudo de caso sobre catadores de caranguejo nos manguezais próximos da Reserva Biológica e Arqueológica de Guaratiba, no Rio de Janeiro. O estudo de caso surge a partir da realização do curta-metragem *Mangue de todos os Brasis*. As sociedades dos mangues de Guaratiba têm uma economia solidária milenar baseada na interação com os manguezais; são comunidades com laços de solidariedade e responsabilidade social coletiva, na qual a fome é estrategicamente combatida. O artigo investiga a linha de continuidade entre a economia colonial e os crimes ambientais contemporâneos, evidenciando a resistência de populações indígenas e negras na preservação de manguezais e seu ecossistema.

Este dossiê busca, portanto, contribuir para a reflexão sobre processos de formação audiovisual em sua articulação com práticas educativas, sociais e de memória, que se manifestam nas redes de interdependências que tecem os aprendizados intergeracionais e relacionais. Agradecemos a todas e todos que colaboraram com esta publicação temática.